

*pádre-pare-pae ; matrem-madre-mãe-mãe.*  
 Mais razoavel nos parece a explicação de Othoniel Motta: analogia com *frade* nas formas *pade* e *máde* e queda do *d* intervocalico. (1) A analogia explica na lingua portugüesa innuemras palavras aparentemente inexplicaveis. 4.º o grupo *tr* teve ainda outra sorte: conservou-se inalterado, quando precedido de consoante; ex. *ostream-ostrá; ventrem-ventre.*

**TUI-TEU.** A forma latina de *teu* é *tuus*, accusativo *tuum*. Evidentemente *tuum* não poderia produzir *teu* em portugüês. Para essa formação contribuiu a analogia.

O pronome possessivo na 1.ª pessoa é *meum*, que com a queda do *m* final produziu *meu*.

Na segunda e terceira pessoas, o pronome seguiu analogicamente a primeira, fazendo *teu* e *seu* em vez de *tu(o)* e *su(o)*, como no hespanhol.

No portugüês archaico havia as formas *ton* e *son*. O feminino *mea* latino produziu em portugüês *mia* e *minha*.

O hiato *ea* póde evolver em *eia* pelo phenomeno de *alargamento*, ex. *tela-tea-teia* ou para *ia*, passando o *e* a *i* para se tornarem mais distanciadas as vogaes do hiato: *mea-mia ; hebaba-habea-havia*; o *m* anasala o *i*, tornando-se o vocabulo *mia* e depois *minha*, pelo apparecimento da nasal palatal de transição *nh*; igual a este caso, temos na lingua: *regina-reina-reia-reinha-rainha; vinu-vio-vinho*, etc. *Tua* lat, *tua* port. (2)

(1) A gente inculta de Alagôas e Pernambuco dá esse mesmo tratamento ao grupo *dr* das palavras portugüesas.

Dizem elles *pade* (padre) *peda* (pedra) *padinho* (padrinho).

(2) Aqui, como no estudo da palavra *Plena*, a defficiencia de matrizes apropriadas, na linotypo, deixa-me em difficulda-

A vogal latina *u* breve, quando tónica, deu no latim popular *ô*, passando assim em geral para o portugüês, ex. *lupum-lôbo, turrem-tôrre*. No entanto, o *u* de *tua* não soffreu essa passagem graças ao hiato que tende a manter afastadas, na escala vocalica, as vogaes que o constituem. O seguinte diagramma mostra a posição das vogaes em relação umas com as outras:

		i (Palataes)
		ê
	é	
Vogal fundamental a	ó	
	ô	
		u (Labiales)

*SUA* lat. produziu *sua* em portugüês.

*NOSTRUM* e *VOSTRUM* (lat. classico *vestrum*) produziram em portugüês *NOS-SO* e *VOSSO* de uma maneira difficil de explicar.

Segundo Leite de Vasconcellos houve assimilação violenta do grupo *tr* ao *s*.

Querem outros que se tenha dado a queda do *r* e depois assimilação do *t*.

De qualquer das formas houve uma assimilação progressiva, phenomeno raro em phonologia portugüesa.

**JESUS-JESUS.** Como a maioria dos nomes proprios, *Jesus* em portugüês, veio do nominativo latino *Iesus*. Hoje graphamos *Jesus* com *J*, mas só se faz isto desde o seculo XVI.

Anteriormente escrevia-se com *I*, porque no latim não havia o phonema *J*, como não havia o *V*, que tambem começou a apparecer nos textos latinos, depois do seculo XVI. A forma latina correspondente era *U*.

Escrevia-se *silua* e *Iesus-silva* e *Jesus*.

O *i* latino era consoante, quando collocado entre duas vogaes: ex. *ma-j-or-maior*; e era vogal, quando seguido de uma consoante, ex. *ita-ássim*.

des para graphar certos sons. Assignalo porém que, em *mia*, *reia*, *vio*; o *i* é nasal.

# Methodologia

## EDUCAÇÃO CIVICA

(4.º anno).

Do lar deriva a idéa de Patria. Em cada familia, meninos, existe a miniatura de uma Nação. Pae, mãe, filhos, netos são os membros dessa nação familiar. O pae é o chefe de todos, a autoridade maior, á qual os demais membros da familia devem obediencia, não por temôr, mas pela comprehensão da necessidade dessa obediencia, para que haja ordem, haja respeito, haja equilibrio moral. E, autoridade maior, ao pae cabe naturalmente os maiores encargos. Elle é quem véla por todos, para que nada falte no lar, para que todos tenham conforto, tenham saude, sintam a alegria e a belleza da vida. A mãe cuida da prole, cabendo-lhe a missão importantissima da educação dos filhos e dos arranjos domesticos. Os filhos, obedecendo aos paes, não lhes dando desgostos, sendo doces e meigos, ajudando, quando maiores, os trabalhos paternos, tomando expontaneamente, um pouco das responsabilidades do pae, completam a harmonia e fazem a felicidade dessa pequena sociedade. Assim, do concurso e da cooperação de todos, a familia se engrandece e prospera.

Já deveis ter reparado que uma familia não vive isolada, não se deixa ficar incommunicavel entre as quatro paredes de uma casa. Cada familia está ligada a outras familias, a umas por laços de parentes-

co e a outras por interesses diversos, por necessidades varias, nascendo dessa approximação, dessa convivencia, dessa sociabilidade obrigações de amisade reciproças. Eis a sociedade. A sociedade cresce e prospera; já são milhares de pessoas que se fixaram em certo territorio, umas trabalhando a terra e creando os rebanhos, para que haja fartura; outros cuidando das industrias e desenvolvendo o commercio, para que haja riqueza e haja expansão das relações sociaes, ainda outros entregues ao exercicio de diversas profissões liberaes. E' o trabalho colectivo, a cooperação material de todos os habitantes, fazendo a riqueza e a felicidade desse territorio. Eis o Municipio. São milhares de pessoas, formando milhares de familias. E como toda essa gente não podia viver á mercê de sua propria vontade, ao sabôr de suas paixões e de seus instinctos, attentando impunemente contra a vida e a propriedade alheias, o que seria a desordem, seria a anarchia, seria o regresso á vida selvagem, a sociedade mesma, no proprio interesse da sua conservação e do seu aperfeiçoamento moral e material, creou as leis, que regulam os direitos e estabelecem os deveres de todos os membros da comunidade.

Ora, em cada Municipio ha uma porção de interesses que não são privativos de um individuo ou de uma familia, mas extensivos a todos os individuos e a todas as familias. Ha os encargos da saude pu-

blica, do embelezamento das ruas, da iluminação dos povoados, da abertura de caminhos para o transporte da produção agrícola e industrial, da construção de pontes para facilidade do transito publico sobre os rios, um mundo de coisas a realizar, que são beneficios collectivos, porque a todos, indistinctamente, aproveitam. Então, para que esses beneficios existam e todos gozem das sua vantagens, os que trabalham e produzem são chamados a contribuirem para a realização dessas utilidades publicas. E' o que se chama imposto. Assim como um pae pede o concurso dos filhos para que a familia propere, o Municipio, em virtude de leis votadas pelos representantes da população, impõe o dever de cooperação publica para que o territorio tenha melhoramentos e beneficios de interesses e necessidades comuns.

Ha, acima do Municipio, um territorio maior, contendo em seus limites muitos municipios com a mesma organização de que vos fallei : esse territorio chama-se Estado. Nós vivemos no Municipio de Maceió e somos quasi oitenta mil habitantes. O nosso Municipio e mais 35 formam o Estado das Alagoas. Já ahi, na organização estadual, a comunidade é maior. Já são perto de um milhão de pessoas, espalhadas por todos os municipios; e sendo maior a comunidade maiores são os interesses e as necessidades publicas. Esses interesses affetam a todos os municipios. Exemplo: a estrada de rodagem do norte do Estado serve e beneficia aos municipios de Maceió, Camaragibe, São Luiz, Porto de Pedras, Maragogy e Porto Cal-

vo e, estendendo-se mais, ligará Alagoas a Pernambuco.

Assim sendo, essa estrada não podia ser feita por um só municipio, só podia ser feita pelo Estado. Ha muitas outras necessidades que interessam a todos os municipios — a diffusão do ensino primario, para que todos os meninos aprendam a ler e escrever e possam ser homens verdadeiramente uteis; os serviços de hygiene e prophylaxia rural, para que todos gozem saude e as zonas doentias se tornem habitaveis, o desenvolvimento da agricultura, o augmento da riqueza pastoril, a expansão do commercio, a atração das correntes immigatorias, a organização da justiça e da segurança publica, para que sejam punidos os criminosos e haja em todo o Estado socego e paz para que o trabalho floresça... Tudo isso, meninos, pertence á esphera estadual. E quem contribue para esses serviços de necessidade publica é a população toda do Estado.

Como vêdes, a collectividade no Estado é muito maior que no municipio, como no municipio é muito maior que na familia.

A reunião dos Estados forma a nação. A Nação brasileira é a união perpetua e indissoluvél de 20 Estados e mais o Districto Federal e o territorio do Acre, este especie de filho menor a espera de sua maioridade para governar-se por si mesmo. Cada Estado tem o seu tamanho secularmente estabelecido. Ha Estados enormes, como o Amazonas e Matto Grosso e ha Estados pequenos como Alagoas e Sergipe.

Mas, politicamente, todos são iguaes; todos gozam dos mesmos direitos na communhão brasileira.

Agora, é bem de ver, os interesses e as necessidades são muito mais vastos. Esses interesses, que são o desdobramento dos interesses de cada Estado, de cada Município, de cada família, de cada individuo, só podem ser providos pela Nação. O paiz póde, de um momento para outro, ser aggreido pelo estrangeiro ambicioso, a população mesma do paiz póde, desvairada pela politica, rebellar-se contra a ordem legal, por isso a Nação precisa de ter um exercito e uma esquadra. Ainda a Nação precisa de construir estradas que liguem todos os Estados—estradas estrategicas e estradas de commercio; precisa de prover a defeza militar do seu immenso littoral, mais de 1.200 leguas de costa; precisa de custear os serviços de correios e telegraphos; precisa de manter uma representação junto ás nações amigas, precisa de cuidar do ensino superior, nas academias e nas universidades... E o custeio dessas despesas nacionaes é feito pelo povo todo do paiz. Ahi tendes o mecanismo da nossa organização politica: 1.º o Município, 2.º o Estado, 3.º a União. O Município deriva da reunião de famílias numa mesma circunscrição; o Estado resulta da reunião de municipios; a Nação é conjuncto dos Estados.

Mas, attentando bem nessa admiravel organização, veremos, no Município, no Estado e na Nação, o desdobramento da família, a mesma estructura familiar.

A nação é a família brasileira, composta de mais de 30 milhões de pessoas. todas fallando a mesma bella e harmoniosa lingua portugueza; todas ligadas pelas mesmas

tradições historicas, todas unidas pela mesma crença religiosa; todas oriundas do mesmo sangue; todas tocadas pela mesma fé nos grandes destinos do Brasil. Somos todos, pois uma família de trinta milhões de irmãos, habitando um dos maiores paizes do mundo, o mais formoso e rico trecho da terra, com todos os climas e todas as possibilidades de uma prosperidade incomparavel.

Vistes que toda família tem um chefe. A existencia da autoridade é tão velha como a constiuição da família. O Município tambem tem um chefe, intendente ou prefeito; o Estado tambem tem um chefe, governador ou presidente; a Nação tambem tem um chefe, que é o presidente da Republica. Mas esse chefe, quer no Município, quer no Estado, quer no paiz, não é o unico poder. Esse chefe, auxiliado por outros cidadãos, é o que se chama poder executivo. Acima desse poder, acima desse chefe, existe o poder legislativo. No Município esse poder é o Conselho Municipal; no Estado é o Congresso Estadual; no paiz é o Congresso Nacional. O povo é quem elege o chefe do poder executivo e os membros do poder legislativo. Ha ainda um terceiro poder — o judiciario, a quem incumbe a distribuição da justiça.

São poderes independentes mas harmonicos entre si.

Regulamentando a união dos Estados, regulando a união dos Municipios, traçando os deveres e os direitos dos cidadãos, definindo e limitando as funções dos tres poderes, a Nação tem uma Lei Suprema, chamada a sua Constituição Politica. Porque em sociedade

temos que pautar a nossa conducta de modo a não attentarmos contra os direitos dos outros, existem outras leis secundarias, oriundas da Constituição. E temos que obedecer a essas leis, porque dessa obediencia, pelo imperio da paz e da ordem, é que o trabalho póde produzir os seus melhores fructos. Assim como os filhos devem obedecer aos paes e os alumnos aos mestres, os cidadãos devem obedecer as leis de seu paiz e acatar as autoridades constituídas, que são a representação material dessas leis.

Mas, meninos, a lei maior de todas, a lei das leis, é a Constituição. A Constituição é a alma da nacionalidade, a condensação de todas as tradições, a summula de todas as suas esperanças, o maior expoente da sua mentalidade, a consagração de todas as suas conquistas.

A nossa Constituição, promulgada a 24 de fevereiro de 1891, teve as suas linhas geraes traçadas por esse grande homem que foi RUY BARBOSA.

Discutiram a Lei Suprema da Republica representantes de todos os Estados. Assignaram-na, em nome do povo alagoano, Floriano Peixoto, Cassiano Candido Tavares Bastos, Pedro Paulino da Fonseca, Joaquim Pontes de Miranda, Gabino Bezouro e Francisco de Paula Leite e Oiticica.

E', pois, um grande dia, o de hoje, para o Brasil.

Não deveis esquecer, portanto, que existe no Brasil uma lei chamada Constituição, que data de 24 de fevereiro de 1891, a qual todos os brasileiros, governantes e governados, devem obediencia. Lembrando-vos della, vos lembrareis

naturalmente do Brasil e o Brasil é a grande patria, a patria common, a grande familia a que todos nós pertencemos e a que devemos a consagração do nosso trabalho e da nossa intelligencia.

*Craveiro Costa.*

\*

## GEOGRAPHIA

(2.º anno)

A professora de pé, diante da classe toda sentada, dirá as suas alumnas :

— Como vocês todas sabem, nós vivemos, habitamos a superficie da terra. Ora, e se nós vivemos na terra, precisamos saber o que ella é.

Vamos pois, estudar hoje, a terra. Nas noites de escuro, quando olhamos para esta esphera azulada, que tem o nome de céu, firmamento, abobada celeste, etc., vemos um grande numero, uma grande porção de pontos brilhantes. Esses pontos brilhantes chamam-se *astros*.

Notamos tambem que a luz de alguns desses astros scintilla, isto é, como que a luz faisca, brilha, tremendo, e que ha outros cuja luz é calma, tranquillia.

Estes astros que scintillam têm luz propria, isto é, não precisam da luz de astro algum, porque tem luz propria, delle, e está fixo no espaço.

E todos os astros que têm luz propria e estão fixos no espaço chamam-se *estrellas*. Logo, Luiza, o sol o que é ?

— Uma estrella.

— Porque ?

— Porque tem luz propria e está fixo no espaço.

— Vamos ver agora como se chamam os astros que têm luz calma, tranquilla, isto é, os que não têm luz propria e giram ao redor do sol.

Sabem como se chamam estes astros ? Não sabem ? Vou dizer. Chamam-se *planetas*.

A terra gira em redor do sol, e d'elle recebe luz e calor. Portanto, Luzinette, a terra o que é ?

— Um planeta.

— E porque não é uma estrella ?

— Porque as estrellas estão fixas no espaço, e a terra gira em redor de um astro, que é o sol.

— Sómente por isto, Eulina ?

— Porque, tambem, as estrellas têm luz propria, e a terra recebe luz do sol.

— Muito bem ! Já vi que comprehenderam a differença que ha entre *estrella* e *planeta*.

Quero ver, quem será capaz de dizer qual é a forma da terra ?

— Eu sei. Tem a fórma de uma bola.

— Sim, tem quasi a forma de uma bola, mas, ha uma outra coisa que se assemelha melhor com a terra. Que é ? Não sabem ? Se não me engano é até uma fructa muito gostosa !

— Ah ! Já sei, professora, é uma laranja.

— Effectivamente é uma laranja, que melhor representa a forma da terra. Redonda e ligeiramente achatada nas extremidades. (Mostra a laranja que traz occulta e um globo terrestre).

Assim como a laranja é a terra. Arredondada e levemente achatada nas extremidades chamadas *polos*.

O polo de cima tem o nome de

*polo norte*, e o de baixo chama-se *polo sul*.

Como se chamam, Laura, as duas extremidades da terra ?

— Chamam-se polos.

— O de cima como se chama, Esmeralda ?

— Polo norte.

— E o de baixo que nome tem ?

— Polo sul.

— Vocês já ouviram falar em uma linha que passa pelo centro da terra ? Nunca ouviram falar nisto ?

Se uma pessoa enfiasse um pausinho nesta laranja, que a atravessasse de uma extremidade a outra, daria a idéa perfeita da linha que lhes falei. Pois bem. Esta linha imaginaria, isto é, que existe apenas em nosso pensamento, que não ha realmente, chama-se *eixo da terra*. Como se chama, Eulalia, a linha imaginaria que passa pelo centro da terra ?

Não sabe ? Então, não prestei atenção.

Que nome tem, Ismenia ?

— Eixo da terra.

— Falemos agora sobre outra linha.

(Mostra no globo o equador). Vocês estão vendo esta linha que rodeia o globo ?

Chama-se ella *equador* e divide a terra em duas partes chamadas *hemispherios*. (No caso da professora ter levado a laranja deverá parti-la ao meio e depois juntar as duas partes separadas, mostrando assim a divisão imaginaria da terra). Um dos hemispherios tem o nome de *hemispherio do norte* ou *boreal* ; o outro, *hemispherio do sul* ou *austral*.

Como se chama, Clarisse, a linha

que divide a terra em dois hemispherios ?

— Equador.

— E os dois hemispherios, Eunice, como se chamam ?

— Um se chama hemispherio do norte e o outro hemispherio do sul.

— Quaes os outros nomes destes hemispherios, Coralia ?

— Hemispherio boreal e hemispherio austral.

— Bem. Vamos estudar agora os movimentos da terra.

Os movimentos são dois: o de *rotação* e o de *translação*.

Vou escrever na pedra, para que vocês melhor gravem os nomes.

O movimento de rotação é aquelle que a terra faz girando sobre si mesma. Gerusa, venha até aqui e gire sobre os seus calcanhares. Assim. Muito bem !

Este movimento que Gerusa está fazendo é semelhante ao movimento de rotação da terra.

Leva a terra 24 horas fazendo o movimento de rotação.

Eurydes, qual é o movimento de rotação da terra ?

— E' aquelle que a terra executa girando sobre si mesma em 24 horas.

— E o que é que ha durante estas 24 horas, Ruth ? Não sabe ? E' facil.

Durante 12 horas nós estudamos, trabalhamos e durante as outras 12 horas nós descansamos, dormimos. Não sabe agora o que ha durante o movimento de rotação ?

— Um dia e uma noite.

— E porque não ha sómente dia, ou somente noite ?

Será, por causa do movimento de rotação da terra, Helena ?

— E' sim senhora.

— Vou explicar praticamente porque nem sempre é dia e nem sempre é noite.

Argentina, venha para este lugar aqui, representar o sol. Fique firme no seu lugar, pois, o sol está fixo no espaço. Gerusa, venha novamente representar a terra.

Reparem bem. A parte que está de frente para o sol, fica illuminada e portanto nesta parte é dia, e na outra é noite. Como porém, a terra está sempre em movimento constante, a parte que era noite fica illuminada e então é dia, e na outra parte é noite.

— Qual é o outro movimento da terra, Eulalia ?

— O movimento de *translação*.

— Vamos saber qual é esse movimento de translação da terra.

Venham agora Eunice, representar o sol e Othelia a terra.

O movimento de translação é aquelle que a terra faz girando em redor do sol, sem deixar de girar sobre si mesma.

(Depois que a menina que representa a terra houver girado em redor da menina que representa o sol, sem deixar de girar sobre si mesma, a professora continuará).

A terra gasta para fazer o movimento de translação 365 dias e 6 horas ou seja um anno ou ainda 12 mezes.

Ebna, qual é o movimento de translação da terra ?

— E' o que a terra faz girando em redor do sol, sem deixar de girar sobre si propria.

— E quanto tempo leva, Lourdes ?

— 365 dias e 6 horas.

— Diga de outra forma Antonia ?

— Um anno ou sejam 12 mezes.

— E o que é que occasiona o movimento de tanslação da terra ? Ninguém responde ?

— Vou explicar. Venham Honorina e Dacia para junto desta vela que eu accendi agora.

Honorina, fique um pouco afastada da vela. Assim. Muito bem ! Maria José fique mais afastada ainda de Honorina.

Quem está sentindo mais calor das tres ?

— Eu, professora, responde Dacia.

— Porque ?

— Porque estou mais perto da vela.

Assim, quando a terra se acha mais perto do sol — estamos na estação do verão, do estio ; quando ella se encontra um pouco afastada, assim como Honorina, atravessamos um tempo que não é nem muito frio, nem muito quente — é o outomno.

Estando tão afastada do sol como Maria José da vela passamos um tempo frio, de chuvas constantes — o inverno. Maria José aproxime-se um pouco da vela.

Bem, estamos no inverno. Agora, porém, a terra que estava muito afastada do sol, vae aos poucos se achegando a elle, atravessando-se então, uma estação de temperatura agradável, amena, na qual as arvores cobrem-se de flôres — a primavera. Logo, Dalva, quantas são as estações ?

— 4 — Verão, outomno, inverno e primavera.

— !Aqui em Alagôas nós apreciamos ás 4 estações, Berenice ?

— Não senhora. Temos apenas duas : verão e inverno.

— Nos estados do norte do Brasil ha apenas duas estações : verão e inverno ; porém, no sul, em Minas Geraes, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, etc., ás 4 estações são bem apreciadas.

Por hoje, fiquemos aqui. Noutra lição estudaremos um astro muito nosso conhecido, que illumina as nossas bellas noites — a *lua*.

*Flora Malta Ferraz.*

(Do Grupo Escolar "Diegues Junior".)

\*

## O CORPO HUMANO

(Classe pre-escolar)

(A professora para attrahir a attenção de seus pequenos alumnos, apresenta-se diante da classe, sempre alegre, e diz :)

— Vamos fazer uma brincadeira muito interessante, mas, eu preciso que algum de voces, queira servir aqui de modelo. Quem será capaz de tirar os sapatinhos e as meias e subir aqui nesta cadeirinha ?

— Eu professora.

— E' Zelita. Muito bem. Olhem todos para Zelita. (A professora tocando em Zelita da cabeça aos pés :) Tudo isto que voces estão vendo aqui, se chama — corpo humano. Ouviram ?

Desinha, diga-me você, o que é o corpo humano ?

— E' o corpo da menina.

— Sim. E' o corpo da menina, da mulher e do homem tambem.

Vamos ver em quantas partes está dividido o corpo de Zelita ? (A



professora toca com as duas mãos, a cabeça de Zelita, faz uma pequena pausa e diz : — cabeça — uma parte; toca em seguida o tronco e diz : — tronco — duas partes ; finalmente os braços e as pernas e diz : membros — tres partes.

— Vamos ver agora, quem sabe dizer em quantas partes está dividido o corpo humano ?

— Em tres partes. — Sim. — (A professora tocando novamente a cabeça da menina, pergunta: como se chama esta parte ? — Cabeça — Muito bem. — E esta ? — Tronco.

— Esta ultima ? — Membros.

— Olhem bem para a cabecinha de Zélita e digam o que estão vendo ahi.

— Eu estou vendo uma parte lisa e outra com cabellos.

— Muito bem. Esta parte com cabellos se chama — craneo, e a parte lisa — face.

Agora Waldir, toque com as duas mãos, a face de seu colleguinha. — E' esta parte lisa. — Sim. E você Yolanda, toque no craneo de sua maninha. — Prompto. — Muito bem. Quem sabe dizer, o que tem na superficie ou no lado de fóra do craneo ? (A professora alisando os cabellos de Zélita. — Cabellos. (Respondem todos.) — E dentro do craneo ? — Miolos. — Muito bem, mas, vamos trocar esta palavra miólos por uma outra mais delicada, vamos chamar-lhe de ora em diante, — cerebro. — Ouviram ? — Sim. — Para que serve o cerebro, professora ?

— Para a gente pensar bem, Zequinha.

Agora, olhem bem a face de sua colleguinha e digam tudo o que estão vendo.

— Olhos, nariz, bocca e ouvidos. — Muito bem. Quantos olhos tem sua colleguinha ? — Dois. — E para que servem ? — Para ver as cousas. — Justamente. — Para ver as cousas e as pessoas. E' por meio dos olhos que voces vêm a mamãe, o papae, os maninhos, as flôres e tudo.

Quantos narizes tem sua colleguinha ?

— Só tem um.

— Mostre-o. — Olhe aqui.

— E para que serve ?

— Para cheirar.

— Muito bem, para cheirar e respirar. E a bocca para que serve !

— Para beber, comer e fallar.

— Quantos ouvidos tem você Chiquinho ?

— Eu tenho dois; um e dois.

— Está direito. E para que servem ?

— Para se ouvir a mamãe chamar.

— Muito bem, os ouvidos servem para ouvir. (A professora tocando o tronco).

Quem se lembra do nome desta parte ?

— Eu professora, é tronco.

— Sim. No tronco destacamos logo duas partes : peito e ventre. Olhem bem : de cima até aqui, — é o peito e esta outra parte é a barriga ou o ventre.

Mostre o peito de seu colleguinha, Chiquinho ?

Muito bem. Agora mostre o ventre ? E' este. — Sim.

Vocês ja repararam uma cousa ? ! Nós temos, ainda quatro membros; dois superiores e dois inferiores. Os superiores estão acima do tronco e os inferiores abaixo. Ouviram ? (A professora pe-

gando os bracinhos de Zelita diz :  
estão aqui os dois membros superiores. Como se chamam elles ?

— Braços.

— Como se conhecem os braços ?

— Direito e esquerdo.

— Qual o seu braço direito, Dê-sinha ?

— Este.

— E o esquerdo ?

— Este outro.

Muito bem. (A professora tocando as partes do braço de Zélita). Reparem bem: cada membro superior tem uma parte, duas e tres. Esta de cima chama-se—braço; esta do meio — ante-braço — e esta outra — mão.

Quem será capaz de dizer quantas partes tem este membro superior ? — Tres partes. — Zequinha, pégue no braço de seu colleginha.

— Prompto. — Agora toque o ante-braço. — E' esta parte.

— Mostrem as mãos ? Quantas são para cada menino ?

— Duas.

— Como se conhecem ?

— Direita e esquerda. Qual a direita ?

— Esta.

— E a esquerda ?

— Esta outra.

(A professora.) Agora vamos fallar sobre os membros inferiores que tambem são dois. (Mostrando) Um e dois. Quem sabe o nome destes membros ? — Pernas.

(A professora tocando as partes das pernas de Zélita, diz: coxa, — uma parte; perna — duas partes; e pé — tres partes. Vamos ver se algum de vocês, sabe dizer quantas partes principaes ha em cada membro inferior ?

— Tres.

— Justamente. E que nome tem cada parte ?

— Coxa, perna e pé.

— Muito bem. Qual será a coxa, mostre ahi em seu colleginha ?

— Esta.

— Exactamente. Mostre agora a perna.

— E' esta.

— E os pés.

— Estes.

— Quantos são ?

— Dois.

— E para que servem ? — Para a gente caminhar. Muito bem, para a gente caminhar e para sustentar o corpo.

(A professora poderá dividir esta licção em duas, se achar conveniente).

*Maria Rosalia Ambrozzio.*

Do Grupo Escolar Modelo  
"D. Pedro II"

---

A bondade possui um immenso poder para encantar e commandar.

Emquanto houver neste Imperio um homem que não trabalhe, ou uma mulher preguiçosa, alguém ha de soffrer frio ou fome.

Palavras de um Imperador da China.

"Lembra-te, imita, persevera".

"O nome e a memoria dos grandes homens são o dote de uma nação".

Quando um homem succumbe por excesso de trabalho, é, quase sempre, porque não soube reger a sua vida, e porque desprezou as condições ordinarias da saude physica.



**Professora Flora Malta Ferraz**

A alumna mais distinta da turma de 1926, servindo  
no Grupo Escolar "Diegues Junior"

# Ensino de Historia Patria

(CRAVEIRO COSTA)

Nada mais fastidioso para todos os alumnos dos cursos primarios do que a sua iniciação na Historia Patria: pela determinação dos factos nos programmas officiaes e pela maneira por que é, geralmente, processado o seu ensino.

Os programmas, seguindo a mesma orientação expositiva dos compendios elementares de Historia do Brasil, começam dos factos mais remotos, a partir do descobrimento, evocando episodios destituídos de interesse educativo e exhumando figuras coloniaes sem expressão, inteiramente mortas, cuja resurreição historica não aproveita á infancia. Deviam os programmas começar dos factos mais modernos, mesmo dos mais recentes que, pela sua actualidade, devam ser logo ensinados.

A' criança não interessa conhecer, por exemplo, os nomes dos donatarios das capitancias hereditarias, as datas em que foram creadas, a extensão territorial de cada uma e factos coloniaes semelhantes. Essas minuciosidades exigem um desenvolvimento intellectual que se não encontra na escola primaria. Alias esse criterio dos nossos programmas já vem sendo combatido ha tempo. Delle, accentuando a sua erro-ria, disse Dewey, numa conferencia notavel :

“Se encararmos a historia como narração de factos passados é bem difficil legitimar-se-lhe a presença do programma de instrucção primaria. O passado é o passado: é preciso deixar que os mortos enterrem os seus mortos. O presente e o futuro nos chamem com excessiva insistencia para que tenhamos ousiu de imergir a cri-

ança no oceano dos factos para sempre desaparecidos.”

A intelligencia infantil não pode assimilar nem mesmo interessar-se pela exposição methodica dos factos historicos da vida colonial, a começar do descobrimento, e, chronologicamente, os acontecimentos que lhe succedem, com uma sobrecarga de pormenores, de datas, de nomes, que a memoria, em plena phase de formação, não retém.

Obedecido o programma, o ensino de Historia é um esforço que se perde. Para desenvolvê-lo, o professor parte do facto mais recuado — o descobrimento. Leva semanas expondo-o, fazendo copiar o ponto e obrigando á decoraçào. O ponto do descobrimento, como os demais, é uma tragedia pedagogica pelas minucias exhaustivas — o numero de náos da armada cabralina, a rota da viagem, a scena do descobrimento, a primeira missa, a carta de Caminha, o primeiro contacto com os indigenas, etc. Professores ha que entram na apreciação de que o Brasil não foi descoberto por accaso, por isso, mais aquillo, e levam o espirito de pormenorisação á descripção das attitudes grotescas que os indios tomavam durante a missa de Frei Henrique de Coimbra, numa vertigem macabra de erudição. Esta licção, para ser bem decorada e bem repetida diante de examinadores carrancudos e sabichões, no fim do anno, precisa de um mez de esforço inaudito á meninada e ao proprio professor.

No fim do anno, no supplicio do exame, a classe toda sabe coisas assim destituídas de interesse, de vibração patriotica, de importancia para a vida civica do povo —

sabe quem foi Frei Henrique de Coimbra; sabe como Caramurú salvou-se do naufrágio, com uma espingarda na mão, sem que se molhasse a carga que continha, para o milagre do tiro que havia de assombrar os selvagens; sabe a lenda de João Ramalho; fala de cadeira sobre Martim Affonso, Pero Lopes e outros defuntos e conhece detalhadamente o festim tragico dos canetês, comendo assado o primeiro bispo . . . Mas a classe toda ignora como se fez a independencia, quem foi José Bonifacio, quem foi Feijó, quem foi Caxias, quem foi D. Pedro II, quem foi Sinimbú,

Desse exumar do passado o que elle tem de inexpressivo, de profundamente morto, por isso mesmo inútil, nada ficou ao cabo de tanto esforço, na intelligencia e no coração da infancia.

Na escola primaria o ensino de historia nacional devia girar em torno dos seguintes factos: a proclamação da Republica; o segundo Imperio; a Regencia; a Independencia. Dos factos coloniaes apenas narrativas, singelas e rapidas, sobre a luta hollandeza, no que ella tivesse de mais dramatico e para frisar o relevo dos tres typos modelares das raças que se fundiam — Camarão, Henrique Dias e Fernandes Vieira; a epopéa dos Palmares, como definição suggestiva do espirito de liberdade, e as agitações nacionalistas visando a autonomia politica do Brasil.

Do periodo republicano, a scena da proclamação, com os seus dois factores primaciaes — Deodoro e Benjamin, a consolidação do regimen com Floriano e os presidentes que se lhe seguiram; Do segundo Imperio, a maioridade, a guerra do Paraguay, a abolição da escravatura, com as figuras representativas dessas etapas — D. Pedro, Caxias, Osorio, Barroso, Visconde do Rio Branco, Patrocínio, Nabuco e D. Isabel; da Regencia Feijó; da independencia o seu episodio empolgante — o grito do Ipiranga e os dois typos maiores do

acontecimento — José Bonifacio e D. Pedro I.

O mais, que abarrota os programmas, é positivamente inútil, porque é o passado, que só interessa a eruditos, é uma sobrecarga da memoria, fatigante e exhaustiva, impossivel de ser assimilada por intelligencias que desabrocham.

O programma de historia patria nas escolas primarias precisam riscar tudo mais.

O processo pedagogico de transmissão dessa materia, por sua vez, carece, entre nós, de uma reforma radical. O processo é ainda puramente mnemonico. A lição é dada por meio de pontos, á decoraçáo, nas classes mais adiantadas, e narrativas diante da classe, nos annos inferiores. Ha ainda o processo da decoraçáo nos proprios compendios, socraticamente, ficando o alumno com o duplo trabalho de decorar perguntas e respostas.

De historia, no que ella tem de suggestivo e efficaz á formação do caracter popular, pelos padrões civicos de que a nossa historia está repleta, por esse processo nada fica na consciencia da criança como exemplo de patriotismo, como um appello da escola á personalidade que lhe incumbe formar, porque a criança, sem emoção, se limitou á decoraçáo monotona e martirizante de acontecimento que vae esquecer dahi a pouco.

O ensino assim processado não póde deixar de ser fastidioso, mortificante e inefficaz. E para que offereça attractivos precisa ser ministrado por meio de historietas, de contos interessantes, que o professor engendrará, onde o facto a ensinar tenha maior dramaticidade, esteja palpitante e suggestivo, vivendo nelle os personagens o seu papel historico.

Feito o conto, o professor o narra, em conversa, á classe toda, as vezes que bastem á retenção da sua synthese. Seguir-se-á a exposiçáo oral pelos alumnos, inter-

vindo o professor sómente para restabelecer a verdade historica deturpada, ou corrigir um defeito de linguagem. Não ha necessidade da classe toda fazer essa reprodução. O professor a pedirá, de preferencia, aos alumnos mais vagarosos no aproveitamento (em geral os professores deixam á margem esses alumnos, quando para elles deveria ser o seu maior esforço educativo) porque os alumnos mais vivos e de apprehensão mais facil terão, decerto, assimilado o facto. Uma terceira prova se torna necessaria: a verificação do aproveitamento geral, o que se fará socraticamente á classe toda.

O ensino assim processado não póde deixar de despertar interesse, de provocar a curiosidade da criança, porque esta, atravez da imaginação do professor, sentiu a emoção da narrativa e os personagens surgiram na intensidade do seu papel historico, emoção tanto maior quanto mais forte fôr a imaginação do mestre.

Nos primeiros annos esses contos devem ter o sabôr, tão do agrado infantil, das historias de fadas. Nos 3.º e 4.º annos devem ser mais desenvolvidos, já podendo o mestre palestrar mais folgadoamente com a classe. Nada de decoração, de compendios e de pontos adredemente preparados e dados em dictado ou por meio de copias. Por que assim como a criança reproduz a outra a historia que ouviu na vespera á avosinha, o alumno póde reproduzir um facto da historia patria que o mestre lhe narrou com a mesma singelza do conto da carochinha. E se esse alumno fôr do 3.º ou 4.º anno e se o professor não se descuidou das suas lições de linguagem, a reprodução poderá ser, ao mesmo tempo, oral e escripta.

E' claro que o ensino de historia assim processado dará ao professor maior trabalho, mas em compensação a escola toda lucrôu e essa compensação, para o professor

consciencioso, que se não limita a ganhar o pão, deve ter uma grande importancia.

E' preciso vencer a rotina. "Nunca poderá interessar á classe o professor que se não habituar a fazer contos apropriados, não tiver facilidade de contar historias."

Outro processo é o que consiste no ensino atravez de biographias de homens illustres. Comprehende-se que não deve ser a biographia árida com a enfadonha pormenorisação da vida deste ou daquelle grande homem — o seu nascimento, com a data e a localidade exatinhas, a vida collegial que passou, a vida academica que viveu, os cargos publicos que exerceu, as condecorações e honrarias com que foi galaradoado, os filhos que teve de seu consorcio; mas o facto, ou os factos, de sua existencia com repercussão na vida nacional, padrões da nacionalidade, que possam, narrados, influir na educação civica, que incumbe, principalmente, á escola.

Nas escolas americanas, diz o professor Mauricio Camargo, o ensino da historia nas classes elementares gira, por assim dizer, toda em torno da personalidade de Washington.

Nas nossas escolas esse ensino, ministrado pelo processo indicado, devia girar todo elle em torno do periodo autonomo, partindo de detraz para diante, da Republica para a independencia, de Deodoro para José Bonifacio.

A nossa vida colonial ficaria reservada aos programmas secundarios. Mas a alteração do programma importa a modificação do methodo e nas nossas escolas, numa epoca em que "a mais alta preocupação é educar", os nossos mestres ainda se preoccupam, exclusivamente, com a instrução intellectual com o fim do exame...

---

A criança deve ser posta em condições de realizar normalmente seu desenvolvimento physico e espirital.

## Defeitos de educação

### Historia de um menino mal educado

(OCTAVIO PIRES)

(Continuação)

Quanto a bebidas alcoolicas, não lhe é totalmente estranho o seu uso.

Desde que começou a vir á mesa das refeições, foram-lhe ministradas pequenas quantidades de vinho, primeiro, com agua, depois, puro.

Já não contrae o rosto quando bebe e nem deixa de dar com a lingua de encontro ao palato, um leve estalo, depois que ingere o vinho, como para mostrar que sabe apreciar um *velho* Collares.

Por si só serve-se na mesa; toma regularmente vinho, mais ainda não teve occasião de conhecer os seus perniciosos effeitos.

Chega um dia de anniversario na familia. A mesa torna-se mais farta e os liquidos mais abundantes.

Começam os brindes e Julio a todos corresponde.

Antes de terminar o banquete, elle manifesta desusada alegria,

Notam que já está exaltado e então o pae ou tio, achando-o ainda mais espirituoso e interessante do que é, incita-o a beber mais, e cada tolice que faz ou cada asneira que diz, é motivo de geraes gargalhadas.

Levanta-se da mesa ebrio, cahindo e batendo-se, com applausos da familia. Depois o levam á cama e ahi o deixam dormindo um somno agitado, com o cerebro perturbado pelos vapores alcoolicos.

Acorda indisposto de corpo e de espirito e ao sair da cama ainda motiva na familia expansões de alegria !

Julio já tem oito annos, não conhece uma só letra do alphabeto e nem tem idéa de numeros; mas em compensação, diz asneiras, furta, conhece o gosto do fumo e o sabor da embriaguez.

Pobre e desventurado menino !

COMO SE ENSINA JULIO A DETESTAR A ESCOLA E O PROFESSOR;  
COMO O PAI SE CONFESSA  
INCAPAZ DE O EDUCAR

Julio aproxima-se dos nove annos, está crescido e, como já vimos, não conhece o alphabeto.

E' insupportavel !

As pessoas da familia não o podem conter e então começam a ameaçal-o com o collegio ou a escola, e os preparativos para, no começo do proximo anno, entregarem-no ao professor.

Todos os dias, e por qualquer falta, dizem logo: deixa-te estar, brevemente pagarás tudo."

"Não está longe o dia em que tens de marchar para o collegio; o teu mestre que te ature. Então, é que has de ver cousa boa, e teu mestre que é o *bixo*, ha de conversar contigo."

"Elle ha de dar-te só uma sova e ficarás direitinho."

Nesse diapasão levam a afinação e acabam convencendo o Julio de que o collegio é uma casa de correcção, cujo carcereiro é o professor.

O menino, sem conhecer o collegio e o professor, fica-lhes com horror, e só de nelles ouvir falar, treme.

Chega o dia desejado pela familia.

Logo pela manhã tratam de vestir o menino com sua roupa de festas; elle chora, berra e espermêa.

O pae que o tem de levar ao collegio, já está prompto; passeia de um lado para outro e pergunta : "Esse menino vae ou não ?"

— Vai sim, já está quasi prompto !

Depois de muitos beijos, abraços e promessas de passeio e presentes, sae o Julio.

Mãe, avó, tias e creadas todas correm ás janellas e á porta, afim de verem o menino que vae para o collegio,

Como condemnado á forca, Julio, choromingando, vae pela mão do pae.

Chegam ao collegio, entram e elle vae procurando com a vista o *quarto escuro*, a ferula e o chicote, de que lhe falavam diariamente em casa.

Recebidos pelo director, o pae diz: “Está aqui mais um alumno para o seu collegio, sr. director !”

“E’ meu filho, um menino esperto, intelligente e com decidida vocação para os estudos.

“Para as bellas artes é uma cousa admiravel !” “Não pode ver um papel que não encha logo de figuras.” “Em casa não ha uma parede limpa.” “Em todas o sr. só vê caretas, arvores e uma infinidades de desenhos, tão bem feitos, que se custa acreditar serem obras de creança”.

“Tem um defeitosinho, é travesso, genioso, birrento; mas levando-se com geito, tudo delle se consegue.”

“Eu já o podia ter corrigido, mas—que quer ?—os meus que fazeres não me deixam tempo para isso: além do mais, é creado pela avó, tias...”

“Mas confio no Sr. Não o poupe e duro com elle, afim de vermos se alguma cousa se consegue”.

“Não tenha contemplações e duro com elle, como já lhe disse”.

Despede-se o pae, Julio agarra-se-lhe ás pernas, chora, grita, mas, afinal, fica no collegio.

Retira-se o pae satisfeito por ter deixado o filho no collegio, sem se lembrar de que se confessou incapaz de educal-o. A familia ficou satisfeita tambem, alliviada dum peso e convencida de que cumpriu o seu dever entregando Julio ao professor—que

é o *bixo*, e ao collegio, que é casa de correção !

Julio nunca se conforma com o collegio e ninguem consegue fazel-o estudar.

Não o fizerem convencer de que o collegio é um estabelecimeto de ensino, onde os meninos vão instruir-se e preparar-se para as luctas da vida; que o professor é um segundo pae, e o estudo, ou outro qualquer trabalho, um dever que temos a cumprir.

O seu espirito não foi assim preparado, e por isso elle suppõe que o metteram no collegio por castigo e não para estudar e instruir-se. Detesta sempre os livros e nunca cria amôr ao trabalho.

\* \* \*

#### COMO A FAMILIA PREJUDICA A INSTRUÇÃO DE JULIO

Julio frequenta regularmente o collegio durante a primeira semana.

Na segunda-feira seguinte á da matricula no collegio, já sae de casa ás 9 horas da manhã, e a creada, que o acompanha, dá ao director o seguinte recado: “Patrôa manda *dezê a voncê* que o menino Julio veio tarde, porque foram *honte* num *balho*”. Elle não queria *vim*, mas *patrôa mandú*.

Julio passa todo o dia de máo humor, aborrecido e cansado, por ter ido ao *balho* e dormido pouco.

Como na segunda-feira, nos outros dias não mais chega a hora certa ao collegio, porque ou vae a *balho*, ou a *theatro*, ou a *concerto*, ou tiveram visitas em casa e elle dormiu tarde.

A muito esforço do professor, vai Julio conhecendo letras e modificando-se quanto a linguagem e aos costumes.

Um dia traz de casa uns dôces ou fructas para merenda; elle é *fraquinho*, como diz a familia, e não lhe bastam as refeições regulamentares do collegio.

Os dôces ou fructas são entregues ao ser-



vente do estabelecimento, para em tempo proprio os dar ao minino.

A ordem é executada.

Mas Julio, pelo habito de mentir, chega á casa e diz—“que o creado lhe comeu os dôces.”

Basta essa declaração para que toda a familia fique revoltada e capaz de ir atacar o collegio.

“Desaforo ! O creado comer os dôces que a avó fez, com suas proprias mãos !”

“Isso não póde continuar !”

“Por minha parte”, diz uma tia, “Julio não voltava mais a esse collegio”.

O pae de Julio chega e o facto lhe é relatado com côres carregadas.

Mãi, avó, tias, todos falam duma só vez.

O pae fica tambem contrariado, e no dia seguinte vai um cartão ao director, concebido nos seguintes termos :

“Sr. Director, meus cumprimentos.” Rogo-lhe o obsequio de reprehender o seu creado pelo abuso que commette de comer as merendas (por muito favor não diz ser o director que as come) que os meninos levam para o seu collegio, como hontem aconteceu com a do meu filho Julio.”

“Desculpe-me sr. director, este pedido, que só o faço em beneficio dos creditos de seu collegio.”

“Sou, etc.”

O director procede syndicancia sobre o facto que provocou a *nota*, e chega ao conhecimento de que os dôces foram entregues ao Julio, e que este, sómente este, delles se serviu.

O director, para não magoar o pae de Julio dizendo-lhe que o filho mentiu, reprehende o menino pela falta que commetteu e deixa o cartão sem resposta.

Diariamente chegam reclamações ao collegio, tão *justas* como a primeira e todas motivadas pelo espirito inventivo de Julio.

Quanto aos estudos pouco, muito pouco aproveita.

Em casa não pega os livros e no collegio

não tem tempo para estudar, pela variedade de exercicios, que tem de fazer durante o tempo das aulas.

Um dia o pae resolve-se a verificar o adiantamento de Julio.

Chama-o e lhe diz : “Vamos ver a sua lição.”

Julio depois de dizer que não, fazer carêtas ao pae e gestos proprios de moleques, resolve-se a pegar o livro, abre-o e diz : “Ba-na, na, banana.”

Diz o pae : “O que menino ?” “E’ assim que o professor está ensinando.

“Ora ! voces já viram maior burriedade !”

O pae de Julio não conhece methodos de ensino e nunca nelles ouviu falar, por isso não sabe qual é o seguido pelo collegio ; e como aprendeu no tempo em que os meninos sentados em altos e compridos bancos, embalando as pernas, gritavam,—b, a, ba, n, a, na, n, a, na banana, acha que o professor do filho é um ignorante e o menino está a perder o tempo.

A’s observações e censuras do pae sobre o ensino de Julio, addiciona uma tia : “Eu bem tenho dito que esse collegio não presta : comem os dôces das creanças e não as sabem ensinar.” “E’ um dinheiro que se deita na rua, o que se está pagando pelo ensino de Julio.” “Não me querem ouvir...”

No dia seguinte, recebe o director o seguinte bilhete : “Snr. Director:—Infelizmente sou obrigado a fazer-lhe novo pedido. Desejo que dê ao Julio outro professor, porque o que o está ensinando não tem a competencia precisa, como já verifiquei pelas lições que lhe tem dado.”

“Imagine que ensina o Julio a dizer : Ba, na, na, banana !”

“Sou, etc.”

O pobre mestre, por entre a revolta que gera em seu espirito essa infundada e tôla reclamação, sente o pesar immenso de ver

tão mal compensado o trabalho que tem com os filhos dos outros, fazendo aquillo que os paes não querem ou não podem fazer.

Atira o bilhete para o cesto dos papeis imprestaveis e continúa no seu labor.

Não ficam ahí as causas dos prejuizos das instrucções de Julio e os embaraços do mestre, como veremos.

\* \* \*

Julio tem negação para os livros e os estudos.

O professor mantém diariamente uma lucta com elle, afim de fazel-o estudar e aprender.

Não ha conselhos nem estimulos, que o conyençam de que deve cumprir os seus deveres escolares.

O professor recorre aos castigos.

Começa a privar-o dos recreios e a pôl-o a estudar as lições : como essa medida seja improficua, manda-o escrever linhas. Nada o demove. Appella para a reprehensão em aula e ameaça-o de novos castigos.

Julio contraria-se e ao chegar á casa diz —“que não volta mais ao collegio, porque o professor o quer mal e vive a castigal-o injustamente. Ainda durante o dia passou a escrever linhas, achando-se por isso com a espinha melindrada, a cabeça pesada, e as pernas inchadas, devido a tel-as sem movimento durante o dia, etc.”

Um clamor geral se levanta no seio da familia, contra o collegio e o professor !

O pae de Julio chega e fazem-lhe ver os castigos que diariamente são applicados ao menino, no collegio, e que isso não podem consentir.

O pae fica contrariado e no dia seguinte dirige-se ao collegio e vai fazer ver ao director que quando lhe disse “que fosse duro” com o filho, não queria dizer que o castigasse e sim que o aconselhasse e reprehendesse com brandura e delicadeza, pois elle assim o estava creando.

Muitas outras cousas mais diz ao director, entre ellas algumas *amabilidades*, e retira-se.

O director fica sem saber como agir em relação ao ensino de Julio.

Apesar de embaraçado, continúa a esforçar-se para vêr se algum resultado moral tira do seu trabalho e se consegue inculcar no espirito de Julio algum ensinamento proveitoso.

Um dia Julio bate-se com um collega em plena aula e profere palavras immoraes ; o professor manda que se retire da aula, para outro compartimento do collegio, fóra da companhia dos collegas.

Julio custa a obedecer a ordem, mas afinal, cede.

Ao chegar em casa refere o facto a seu geito. Diz “que um collega lhe chamou nomes injuriosos e como elle o repellisse,—o professor o insultou, deu-lhe muitos bofetões e o expulsou da aula.”

Nova contrariedade para a familia, e ou Julio não volta mais ao collegio, sem a menor participação ao director, ou o pae escreve-lhe nos seguintes termos : “Sr. professor :—Desta data em diante o meu filho deixa de frequentar o seu collegio, não só porque o quero furtar a convivencia de meninos máos, como tambem aos barbaros castigos, que ahí se applicam aos alumnos.”

Julio vai para outro collegio.

\* \* \*

Como vimos Julio saiu do primeiro collegio e dirigiu-se para segundo. O pai o acompanha, como da primeira vez, e o apresenta ao director, dizendo : “Venho trazer-lhe este menino, sr. Director, é meu filho” —“E’ um menino intelligente, com gosto para os estudos ; mas, infelizmente, está um pouco atrasado, porque tive a infeliz lembrança de mettel-o no collegio de Fulano, um estabelecimento sem disciplina e sem ordem. O director pouco se encommoda